

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: GUS VAN SANT**  
**22 de Setembro de 2021**

**MILK / 2008**  
**(Milk)**

*Um filme de Gus van Sant*

Realização: Gus van Sant / Argumento: Dustin Lance Black / Direcção de Fotografia: Harris Savides / Cenários: Bill Groom, Charley Beal e Barbara Munch / Guarda-Roupa: Danny Glicker / Música: Danny Elfman / Som: Neil Riha e Brian Dunlop / Montagem: Elliot Graham / Interpretação: Sean Penn (Harvey Milk), Emile Hirsch (Cleve Jones), Josh Brolin (Dan White), Diego Luna (Jack Lira), James Franco (Scott Smith), Alison Pill (Anne Kronenberg), Victor Garber (George Moscone, o “mayor”), Denis O’Hare (John Briggs), Stephen Spinella (Rick Stokes), Lucas Grabeel (Danny Nicoletta), Brandon Boyce (Jim Rivaldo), Howard Rosenman (David Goodman), Jeff Koons (Art Agnos), etc.

Produção: Axon Films – Groundswell Productions, para a Focus Features / Produtores: Bruce Cohen e Dan Jinks / Cópia: 35mm, cor, falada em inglês com legendagem em português / Duração: 128 minutos.

\*\*\*

A história de Harvey Milk, que nos anos 70 se tornou no primeiro americano abertamente homossexual, e com uma linha política fundada na defesa dos direitos dos homossexuais, a ser eleito para um cargo público (na câmara municipal de São Francisco) foi abordada primeiro na forma de um documentário, na sua época relativamente célebre, **The Times of Harvey Milk**, assinado por Rob Epstein, e estreado em 1984, escassos seis anos depois da morte violenta e prematura de Milk. Mas o projecto (ou os projectos) de uma versão ficcionada da sua vida e da sua acção também andou muito tempo pelos gabinetes de produtores e realizadores de Hollywood, e ao longo dos anos chegou mesmo a haver anúncios que depois não se concretizaram. O mais célebre de todos esses projectos não concretizados já incluía Gus van Sant: no princípio dos anos 90, um filme que se chamaria *The Mayor of Castro Street*, escrito e produzido por Oliver Stone, que seria dirigido por van Sant.

Van Sant não fez esse filme (nem ele nem ninguém porque o projecto nunca avançou) mas, quase vinte anos depois, finalmente prestou a sua homenagem a Harvey Milk com este **Milk**, sobre argumento de Dustin Lance Black. Van Sant, com um obra construída num circuito permanente entre o mainstream de Hollywood (onde teve vários amargos de boca) e as suas margens, conseguiu mesmo com ele o momento de maior projecção pública de toda a sua carreira, traduzido em oito nomeações para os Oscars (incluindo os prémios para melhor filme e melhor realizador, que perdeu, vamo-nos rir, para Danny Boyle e para o **Slumdog Millionaire**). Ganhou o argumento, e ganhou o prémio de actor principal para Sean Penn, que é de facto impressionante na sua encarnação de Harvey Milk mesmo se o excesso de maneirismos de composição nos possa deixar de pulga atrás da orelha (como, de resto, foi notado à época, criticando-se a Penn o ter deixado o seu Milk no limite do estereótipo “grand public” do que é uma figura de homossexual).

Um dos grandes triunfos de **Milk** está, evidentemente, no retrato da época. E na reconstituição da época e do lugar (São Francisco, segunda metade dos anos 70), construída com uma mistura de “set design” e uso inteligentíssimo de imagens de arquivo. Aliás, logo o começo do filme, com o genérico que decorre por cima de autênticas imagens de rusgas policiais a bares “gay” de São

Francisco ou outros lugares nas décadas de 1950 ou 1960, exprime exemplar e convictamente a clandestinidade acossada da vivência dos homens homossexuais nesses tempos. Sem qualquer retórica, fica imediatamente dado o ponto de partida para a narrativa: estas pessoas vivem fechadas numa estufa, vamos ver como se consegue que entre algum ar na vida delas. Dir-se-ia, aliás, que nas primeiras cenas de “ficção” van Sant continua a sugerir este ambiente cerrado: notar, por exemplo, a maneira como filme o encontro de Milk e Scott (James Franco), em grandes planos e enquadramentos muito próximos, muito fechados, sem “espaço”. E um uso significativo das imagens de arquivo voltará nos segmentos em que o filme aborda a campanha anti-gay da cantora Anita Bryant: van Sant deixa que Bryant se “interprete” a si própria, todas as suas aparições são em imagens e sons dela própria, nenhuma atriz a encarna, Bryant nunca é dada “em representação”. Este será o exemplo supremo, mas a utilização pontual deste tipo de suplementos de autenticidade faz maravilhas pela sensação de convicção com que o espectador “habita”, por momentos, a experiência homossexual nos Estados Unidos dos 1970s.

Ao mesmo tempo, e se van Sant filma, com o destaque que merece, os meandros do trabalho de Milk na Câmara Municipal (onde foi, tanto quanto podemos perceber de questões de política municipal, o equivalente português a um “vereador”), no coração de **Milk** palpita uma história pessoal, um retrato de corpo inteiro, um relato de superação. Num dos primeiros diálogos de Milk e Scott, Harvey desabafa: “tenho 40 anos e nunca fiz nada na vida de que me orgulhe”. O diálogo é suficientemente importante para que, na “coda”, van Sant volte a ele: **Milk** é a história de um homem que se descobre, tardiamente mas ainda perfeitamente a tempo de ajudar outros homens (e certamente outras mulheres) a descobrirem-se também – em todos os sentidos que a palavra “descobrir” pode ter. Daí que o filme seja, também (e apesar do final trágico que, de qualquer forma, todos os espectadores já estão conscientes à partida, e se acaso não estiverem o filme previne-os desde cedo) o retrato caloroso de uma comunidade, de uma família (não necessariamente 100% pacífica e harmoniosa, porque nenhuma família o é), uma família “de substituição” gerada e maturada em torno de Harvey Milk. E isso é muito bonito, por vezes mesmo comovente.

Luís Miguel Oliveira